

DA MATERIALIDADE DA MASSA DE PÃO ÀS EVOCAÇÕES DA MORTE - UM INTERCÂMBIO ARTÍSTICO E CULTURAL ENTRE BRASIL E MÉXICO

Adriani Ferreira de Araujo¹

adrianaraujo@gmail.com

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa que traz consigo um recorte de trabalhos que são desenvolvidos a partir da massa de pão em que a morte está sugerida. Este estudo teve início em 2011, a partir de um convite para exposição: *Mostra Internacional EntreLínguas*, realizada em Pelotas/RS. As propostas para a exposição foram enviadas por artistas de outros países (França, Grécia, Colômbia, México, Chile, Argentina, Equador, Moçambique) que sugeriam trabalhos para serem criados e/ou executados por artistas brasileiros. Esta experiência promoveu uma relação internacional em que fui convidada a fazer um trabalho indicado pelo artista mexicano Rogélio Gimeno, no qual eu deveria falar de como a morte é sentida no Brasil e expressá-la através da massa de pão. A partir desta experiência, apresento nesta pesquisa, como se deu esta relação e que trabalhos foram executados, considerando as reflexões de uma trajetória em estudos sobre a materialidade e a subjetividade da massa de pão em minha produção artística.

Palavras-chave: pão, morte, intercâmbio.

INTRODUÇÃO

Falar sobre a morte, talvez não seja dos temas mais desejados por nós. Porém, torna-se uma experiência muito diferente, quando podemos transferir as significâncias para a subjetividade e lançar um olhar a partir do qual, no pesadume da morte, algo pode ser alterado por se tratar de questões da nossa vivência, questões que tangenciam as experiências no campo da memória e das evocações. Lugar próprio da arte.

Cabe, então, pontuar que esta pesquisa não está particularmente no campo teórico tradicional, mas no âmbito das experimentações e das relações plásticas para que a partir de uma temática cultural e sociológica, ela seja pensada como produção em arte. Este estudo teve início em 2011, a partir de um convite para exposição em uma mostra internacional chamada *EntreLínguas*² que se realizou na cidade de Pelotas, cidade em que, resido, estudo e trabalho atualmente.

¹ Pesquisadora, Artista e Bacharel em Artes Visuais - 2012 - pelo CEARTE da UFPel.

² Mais informações, ver: <http://mostrainternacionalentrelinguas.blogspot.com.br>.

A proposta da exposição foi pautada por artistas de outros países (França, Grécia, Colômbia, México, Chile, Argentina, Equador, Moçambique) que sugeriam trabalhos para serem criados ou executados por artistas brasileiros.

Se faz importante também salientar que minha produção atual em arte se dá a partir do uso da massa de pão assada ou crua pelo viés da materialidade e que esta massa transita entre meios possibilitando diversas leituras e potencializando a ação do material que, pela levedação, possibilita várias configurações plásticas.

ANTECEDENTES

A proposta que executei foi apresentada pelo artista mexicano Rogélio Gimeno, que me sugeriu o trabalho, no qual eu deveria falar de como a morte é sentida no Brasil e expressá-la através do pão.

Este artista trabalha com pães regionalmente chamados de *Pan de Muertos*. Tratam-se de pães especialmente produzidos no México em saudação ao *Dia dos Mortos*, celebrado anualmente no dia dois de novembro.

Para compreender as questões sociais que envolviam os sentimentos de morte no Brasil, precisei primeiro de uma imersão em como estas questões eram vividas no México. A partir deste recorte percebi que as sociedades têm diferentes formas de conceber a morte e que uma atmosfera era latente: "os mortos são tão significativos e necessários quanto os vivos" (ARIÈS, 2012, p.78).

O dia dos mortos para a cultura mexicana é um dia de festividade, em que os pães são feitos para serem consumidos na visita aos túmulos de seus mortos, conforme as crenças da civilização mexicana antiga, quando uma pessoa morre seu espírito continua vivendo no mundo terreno. No cemitério, o lugar onde eles podem descansar em calma e paz, é também designado para que as almas dos defuntos retornem à vida e possam reencontrar-se com suas famílias, e assim, poderem visitá-los. Tem-se a crença que ainda que as pessoas vivas não possam vê-los, eles podem percebê-los ou senti-los como se estivessem vivos³.

³ Disponível em: <<http://www.petrtrv.com.br/2012/06/mexico-no-dia-dos-mortos-quando-morte.html>>. Acesso em 30 out. 2012.



Figura 1 - Comemoração Dia dos Mortos, México. **Fonte:** Disponível em: <<http://www.petrtv.com.br/2012/06/mexico-no-dia-dos-mortos-quando-morte.html>>. Acesso em 30 out.



Figuras 2, 3 e 4 - Formas de representação dos *pães dos mortos*. **Fonte (2):** Disponível em: <<http://misrecetasfavoritas2.blogspot.com.br>>. Acesso em 30 out. 2012. **Fonte (3):** Disponível em: <<http://cozinhaeliteratura.blogspot.com.br>>. Acesso em 30 out. 2012. **Fonte (4):** Disponível em: <<http://blogs.elpais.com/paco-nadal/2012/10/odio-halloween-viva-dia-muertos-mexico.html>>. Acesso em 30 out. 2012.

Estes pães são geralmente elaborados em formas arredondadas, o que faz referência ao ciclo da vida e a algumas supostas gotas que são adicionadas sobre o volume maior de massa, as quais representam o lamento, as lágrimas. É também muito usual fazer caveirinhas ou ossos sobre o pão e ainda alguns que insinuam uma figura humana.

Diferentemente, para nós, brasileiros, o dia dos mortos é um dia de pesar e de introspecção. No Brasil, a morte tem uma conotação de tristeza, de sofrimento e de ausência daquele que nunca mais retornará.

O pão já carrega consigo a simbologia do corpo, a fermentação é um elemento que potencializa a sua efemeridade, tão sensível e vulnerável como nós na condição tão somente de corpos humanos.

Por estas reflexões, desenvolvi, então, o trabalho *Expiro*, que são seis assadeiras de alumínio dispostas na parede como prateleiras. Em cada uma delas depositei um pão assado. Coloquei porções de terra dentro dos pães antes de levá-los ao forno. Eles foram partidos somente na exposição, dentro das formas, revelando o que havia em seu interior.



Figura 5 - Adriani Araujo, 1972. **Expiro**, 2011, escultura, massa de pão assada, terra, alumínio, 148x138x32cm. **Fonte:** Acervo digital da artista.

Expiro é a relação que fiz com o lamento da morte e o culto dos velórios, que em nosso país é praticado como uma longa e dolorosa cerimônia de despedida que precede o sepultamento e, mais recentemente, a cremação. É uma fala sobre os enterros, e estes pães nas assadeiras podem evocar os corpos horizontais, e a terra, a situação do corpo que metaforicamente ao pó retorna.

No processo de montagem da obra, quando os pães foram abertos no espaço expositivo, o som da terra que transbordou e caiu sobre o alumínio da assadeira me remeteu ao último ar que sai dos pulmões no momento da morte. Expirar é morrer.



Figura 6 e 7 - Expiro, detalhe dos pães, vista no espaço expositivo. **Fonte:** Acervo digital da artista.



Figura 8 - Expiro, vista do espaço expositivo. **Fonte:** Acervo digital de Daniel Acosta.

A experiência com este trabalho revelou o quanto efêmero é o pão. Com o passar dos dias, a união com a terra acelerou o processo de decomposição daqueles pães, criou mofo e ampliou ainda mais a relação com as evocações acerca da morte.



Figura 9 - Expiro, detalhe do pão no processo de decomposição. **Fonte:** Acervo digital de José de Pellegrin.

Um segundo trabalho foi apresentado na mesma exposição, novamente trazendo o pão. Este, já havia sido produzido antes de eu receber a proposta para o *EntreLínguas* e para este caso específico, a reflexão acerca da morte ficou em torno dos vestígios e da ausência. Em *Teresa e Wanda*, são as marcas sobre a massa que falam de algo que ali esteve ou que ali aconteceu.

Em uma situação que pode sugerir um ambiente de intimidade e de possível encontro, depus sobre a mesa de madeira, duas placas feitas de massa assada. A mesa retangular estava acompanhada de duas cadeiras posicionadas nas extremidades.



Figura 10 - Adriani Araujo, 1972, **Teresa e Wanda**, 2011, escultura, massa de pão assada, madeira e tecido, dimensões variáveis. **Fonte:** Acervo digital da artista.

As placas foram assadas com os objetos sobre elas. Neste caso, é preciso assar com temperatura mais elevada para que o processo seja rápido. Este controle permite que a massa não se expanda mais que o devido, podendo, assim, preservar uma estrutura mais plana. Ela cresce apenas o suficiente para que as marcas dos objetos fiquem impressas.

A ausência pode ser sugerida em dois momentos: primeiro, nas placas em que estão sinalizadas apenas as marcas de objetos do uso à mesa; segundo, através do espaço dos corpos, delimitado pela posição das cadeiras, afastadas da mesa como se alguém ali pudesse estar sentado.



Figuras: 11 e 12 - Teresa e Wanda, detalhe da placa de pão e detalhe mais aproximado das impressões dos objetos. **Fonte:** Acervo digital da artista.

Eu desejava as marcas para apontar justamente o espaço que os objetos ocupavam, conseqüentemente, uma situação de reconhecimento pelas evocações.

Os corpos, os pratos, as facas, os garfos e as colheres já não estão mais ali, restam apenas seus rastros, que ficaram impressos, provocando na memória o reconhecimento. Este pertencimento das coisas se faz na ordem da memória e de experiências já vividas, portanto penso em um tempo apreendido, por ser um tempo que nos pertence.

Portanto, em *Expiro*, pode se pensar na permanência do corpo ou daquilo que restou dele. Sua efemeridade para uma reflexão acerca da morte. Já em *Teresa e Wanda*, é pela ausência dos corpos e pelo vazio, que a morte pode ser pensada.

CONCLUSÃO

Esta experiência trouxe - para além das relações culturais entre dois países e suas diferentes concepções sobre a morte -, a relação entre uma arte de tradição popular e a arte contemporânea. Enquanto a primeira se expressa por meios mais artesanais, a segunda busca, por meios plásticos, produzir sentidos a partir da experiência com a obra, fruto de impressões particulares geradas em cada espectador.

Mas ambos possuem a tônica de pensar os hábitos de uma sociedade, seja quando o pão é o símbolo de uma data que move uma cultura, seja quando a massa de pão é o meio de dar a ver as subjetividades que permeiam a questões da morte.

Este tema ainda continua sendo recorrente em minha produção artística e pesquisa, numa tentativa de perceber a presença ou a ausência de supostos corpos, que efêmeros perecem, que faz um atravessando no teor simbólico do material que escolhi para minha produção em artes.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

ARAÚJO, Adriani Ferreira de. **Leveduras - Lugares e Superfícies do Desassossego**. 2013. 53f. Monografia (Bacharelado em Artes Visuais). Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012

ARTAUD, Antonin. **El Arte y la Muerte/Otros Escritos**. Buenos Aires: Caja Negra, 2005.

FIDELIS, Gaudêncio. **Dilemas da Matéria – procedimentos, permanência e conservação em Arte Contemporânea**. Porto Alegre: Museu de Arte Contemporânea/RS, 2002.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. **Doris Salcedo - Plegaria Muda**. Lisboa: Prestel, 2012.

SÁNCHEZ, Pedro A. Cruz. **La Muerte (In)Visible - Verdad, ficción y posficción en la imagen contemporánea**. Murcia: Tabvlarivm, 2005.